

O *ETHOS* E O *PATHOS* NA ARGUMENTAÇÃO DISCURSIVA NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

David Araújo de CARVALHO¹
Francisco Armando de Sousa OLIVEIRA²
Joice Carvalhos SANTOS³

RESUMO

O presente trabalho analisa a construção argumentativa por meio do *ethos* e do *pathos* na letra de música “*Ele bate nela*”, da dupla Simone e Simaria. Diante de um clima efervescente na luta pela defesa da mulher, o trabalho veio explicitar de que forma o *ethos* e o *pathos* são construídos e como eles solidificam o poder da argumentação e da persuasão no discurso de combate a violência. Para isso, utilizar-se-ão os postulados da Análise do Discurso Francesa articulados com a Pragmática, de Marcelo Dascal (2010). A pesquisa é de cunho metodológico qualitativo-interpretativo.

Palavras-chave: Ethos. Pathos. Argumentação.

1Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português, pela Universidade Estadual do Piauí; pós – graduando em Gramática, Produção e Revisão Textual pela Faculdade Evangélica do Meio Norte – FAEME. Coroaá – Maranhão. Brasil. CEP: 65415-000. E – mail: faeme.seven@faeme.edu.br. E – mail: davidcubas777@hotmail.com.

2 Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí, professor da Faculdade Evangélica do Meio Norte – FAEMA Coroaá – Maranhão. Brasil. CEP: 65415-000. E – mail: faeme.seven@faeme.edu.br. E – mail: armandooliveira@live.com.

3 Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português, pela Universidade Estadual do Piauí; pós – graduada em Linguística e Ensino – UESPI.

ABSTRACT

This paper analyzes the argumentative construction through the ethos and pathos in the lyric "He beats her," the duo Simone and Simaria. Faced with an effervescent climate in the struggle for the defense of women, work came to explain how the ethos and pathos are built and how they solidify the power of argument and persuasion in the speech to combat violence. For this, we will make use of the principles of the French articulated discourse analysis with the Pragmática, de Marcelo Dascal (2010). The research is qualitative interpretative methodological nature.

Key words: Ethos. Pathos. Argumentation.

Introdução

Este é um trabalho voltado para a Análise do Discurso Francesa, doravante AD, que visa estabelecer a presença do *ethos* e do *pathos* como estratégias/elementos argumentativos no discurso. Buscou-se nesses dois elementos da retórica antiga, e incorporados pela AD, uma análise que caracterize esses novos recursos como participantes/construtores da argumentação.

Observar como o discurso ganha força e adesão na sociedade é um papel importante para qualquer área de estudo das ciências humanas. A propaganda de um carro, o discurso de um advogado que venha a defender algum réu pelo crime cometido, anúncios de TV, Outdoors, revistas, jornais, entrevistas de emprego etc., são exemplos de como a persuasão e a argumentação estão presentes em nossas vidas diariamente agindo sem que a notássemos.

Campanhas em defesa da mulher, contra a agressão sofrida em casa, no trabalho, nas ruas, no dia a dia são feitas com foco de atingir alvos; tanto o agressor quanto a vítima são alvos da campanha. Este possui o dever de denunciar a violência às autoridades legais; e esse, com o meio de evitar, coibir qualquer ação tendo em vista o ônus que lhe causará o fato consumado do crime. Trata-se de descrever, de observar como os pronomes, os adjetivos, os sintagmas nominais, as formações discursivas e ideológicas, o intercurso se fazem presentes na construção das imagens desse enunciador (a) criando imagens e despertando emoções que busquem atingir o maior número de adeptos para a campanha, para o seu discurso.

Inspirado no trabalho da Prof^ª. Ma. Sônia Cristina Tavares Vilela Chamone, intitulado *O Ethos e o Pathos na Construção Argumentativa do Discurso Religioso*, o trabalho realizado sobre o *corpus* vem com o objetivo de discutir a construção argumentativa em torno do *ethos* e do *pathos* na interação entre os interlocutores. Uma vez em que as cantoras utilizam de uma temática bastante presente e atemporal, o combate à violência contra a mulher, as imagens e emoções produzidas no discurso revelam que são fatores contribuintes na adesão do público ao discurso. A música também

fora alvo de protestos contra a imagem que as cantoras passaram para a figura feminina, como indefesa, levada por decisões erradas e uma mulher fadada a um beco sem saída, o machismo. Diante disso, é feita uma apresentação de relatos reais do aumento desse crime, em especial no território do estado do Piauí, passando para uma apresentação do *ethos e do pathos*, e logo depois a análise da letra.

Para o desenvolvimento deste trabalho, recorreu-se aos postulados no que concerne o *ethos* e o *pathos* trabalhados por Charaudeau (2006, 2010), Amossy (2011), Citelli (2002), Maingueneau (1997, 2008), Plantin (2010), além da articulação da *pragmática* com o *ethos retórico*, de Marcelo Dascal (2010).

Violência contra a mulher: um desafio ser superado

Só cresce o número de ocorrências de agressão contra a mulher. O que mais parece preocupante é que esse tipo de crime rompeu as paredes de casa e invadiu as ruas da cidade e passou a fazer parte de todas as circunstâncias em que a mulher esteja inserida.

Não bastasse o desprestígio que é dado para a mulher na sociedade e em casa por muitos homens, a sociedade teve que se deparar com uma nova classificação de crime, o feminicídio. Sendo esse tipificado como crime hediondo, em 2015. O crime é caracterizado pelo assassinato de mulheres por razões da condição do sexo feminino e o menosprezo da condição feminina, conforme o Código Penal, no artigo 121.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Feminicídio

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:

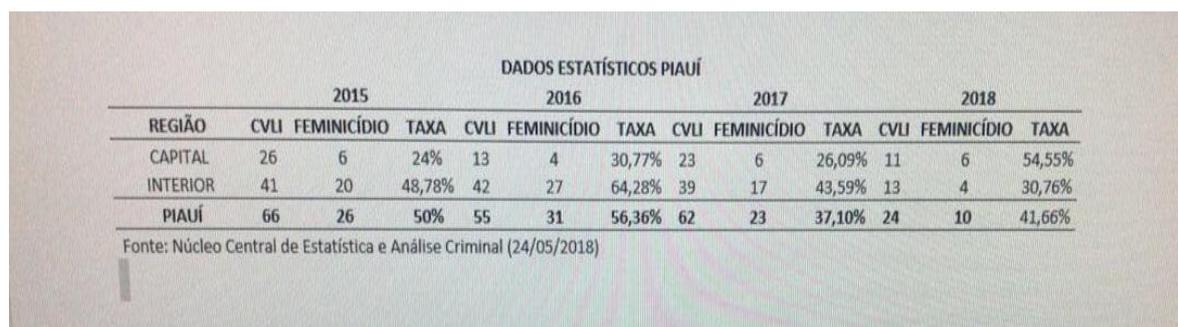
§ 2º-A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher. (Código Penal, LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015)⁴

O quadro é preocupante, não apenas pelo mal que ele representa, mas principalmente pelo número de violência contra a mulher que só fez aumentar desde a publicação do inciso VI, no artigo 121 do código penal. Em todo o país, o quadro de violência contra a mulher se tornou manchete nos telejornais do país, a exemplo, o caso *Eloá Cristina*, sequestrada e morta pelo ex-namorado em 2008, em Santo André – SP.

Com o passar dos anos, o quadro só piora e o número, em consequência, aumenta. No estado do Piauí, são registrados quase que semanalmente abusos contra a mulher. Casos que marcaram e chocaram, além de alertar para a onda de crimes contra a mulher, repercutiram não só no estado, mas em cadeia nacional. Casos como o de *Iarla Lima*, morta por seu namorado, um tenente do Exército Brasileiro, fato ocorrido em junho de 2017; *Camila Abreu* morta por seu namorado, um capitão da Polícia Militar do Piauí, em outubro de 2017; *Aretha Dantas*, 32 anos, cabeleireira, morta por seu ex-namorado, em 15 de maio de 2018, este último, talvez considerado o mais bárbaro por ter sido morta com mais de 15 perfurações. Exemplos de casos como esses revelam que as agressões às mulheres não estão restritas aos ambientes familiares mais deteriorados nem somente aos bairros menos favorecidos, como favelas e vilas, o machismo e violência não escolhe lar. Tal afirmativa desconstrói as expectativas dos estudos sociais que têm o meio como agregador da violência.



REGIÃO	2015		2016		2017		2018	
	CVLI	FEMINICÍDIO TAXA						
CAPITAL	26	6 24%	13	4 30,77%	23	6 26,09%	11	6 54,55%
INTERIOR	41	20 48,78%	42	27 64,28%	39	17 43,59%	13	4 30,76%
PIAUI	66	26 50%	55	31 56,36%	62	23 37,10%	24	10 41,66%

Fonte: Núcleo Central de Estatística e Análise Criminal (24/05/2018)

Figura 1 Divulgação SSP-PI (extraído do Site da TV Cidade Verde em 11/12/2018)

4 Extraído do site: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13104-9-marco-2015-780225-publicacaooriginal-146279-pl.html>.

O quadro retirado de uma matéria do site *Cidadeverde.com*, revela que mesmo que o número de agressões não tenha aumentado no Piauí, o que preocupa é o aumento de assassinatos que ocorreram por motivos fúteis ou banais. Segundo a redação do *site*, Lyza Freitas, “o caso aumenta devido à cultura de uma sociedade machista e patriarcal”. Em uma segunda fonte, o *GIPI*, o Piauí é o sétimo estado do Brasil em número de feminicídio, com o registro de 23 feminicídios no ano de 2017, ocupando a sétima colocação pelo Monitor de Violência.

Frente a isso, vê-se que se constrói um responsável por essas agressões, a sociedade patriarcal que é machista. Essa imagem perdurou por muito tempo e ainda perdura causando diferentes emoções e imagens para aqueles a quem a produz, motivo esse que interessa para a realização do trabalho.

Pathos: uma análise discursiva das emoções

Observou-se que a violência contra a mulher cria situações desconfortantes para os familiares, para a sociedade, para a mídia, para todos os cidadãos. Constrói emoções de impotência, de fraqueza, de abandono, de fazer justiça com as próprias mãos, de revolta, vulnerabilidade etc. O discurso em si, a manchete de jornal já desperta emoções no enunciatário. Se casos como esses são apresentados em um noticiário de TV, esse ganhará maior IBOPE pela audiência dada ao programa com matérias que até utilizam do sensacionalismo às tragédias do dia a dia.

É apropriadamente com Charaudeau (2010) que se passa a compreender o envolvimento do enunciatário e enunciatário com o emocional. Em seu trabalho, *A patemização como estratégia de autenticidade*, o autor expõe os aparatos para analisar o *pathos*, mais propriamente descrito como *efeitos petêmicos do discurso*, em uma abordagem discursiva. Para o autor, o *pathos* pode ser analisado sob três pontos importantes: *emoções sendo elas de ordem intencional, ligadas a saberes e crença e por ultimo ela está ligada a uma problemática da representação psicossocial*.

Para o critério que atribui ao *pathos* uma ordem intencional, esse está ligado aos relacionamentos que um sujeito mantém com o enunciatário, ativando assim, uma *visada acional*. Essa visada está ligada na busca de um desejo, de um objeto que trará benefícios ao agente. Isso será recorrente no *corpus*, pois se observa que há um desejo racional ao despertar no enunciatário uma visada acional de combate a violência já pelo título.

Entretanto, esse desejo, a *visada acional*, não será realizado a menos que os dois na sua situação de comunicação tragam os mesmos conhecimentos, compartilhem dos mesmos pensamentos, saberes e crenças. Essas são ligadas de maneira que possibilitam a aproximação dos sujeitos, pois são fatores ligados por valores sócio-histórico-culturais que possibilitam o sujeito avaliar ou vivenciar a emoção. De acordo com Charaudeau (2010)

Não basta somente que o sujeito deva perceber algo, não basta somente que este algo deva ser acompanhado de uma informação, ou seja, de um saber, mas é também necessário que o sujeito possa avaliar este saber, possa se posicionar em relação a este saber para poder vivenciar ou exprimir a emoção. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28)

Por ultimo, temos a questão da representação, sendo essa uma articulação material entre o simbólico/semiológico e a auto – apresentação. É uma observação pela qual o sujeito está inserido em um sistema de objetos e de relação com situações enunciativas que o possibilitam ter uma consciência psíquica da enunciação por meio do espaço sociodiscursivo.

As representações poder ser chamadas de “sociodiscursivas” quando o processo de configuração simbolizante do mundo que se faz por meio de um sistema de signos. Não signos isolados, mas enunciados que significam fatos e os gestos dos seres do mundo. Esses enunciados, não sendo produzidos arbitrariamente por qualquer um em qualquer ocasião, testemunham, ao mesmo tempo, como já disse anteriormente, a maneira como o mundo é percebido por sujeitos que vivem em comunidade, os valores que eles atribuem aos fenômenos percebidos, e o que são os próprios sujeitos. (CHARAUDEAU, 2010, p. 32).

Por meio de Plantin (2010), em seu trabalho *As razões da emoção*, o autor disserta uma técnica de análise das argumentações baseadas nas emoções. Desse modo, sintagmas, nomes, os lugares psicológicos (locutores e interlocutores), as cores todos esses aspectos demonstram *designações direta da emoção*, enquanto valores culturais, uma vez que estes não possuem termos de emoção, os mesmo são orientados para a direção da emoção a exemplo “Com que cara vou aparecer a igreja depois de ter feito isso?”. Todo o discurso pode ser orientado para a emoção, de partilha de ideias e ações ou discórdias. Segundo Plantin (2010, p. 68, apud Caffi e Janney, p. 1994b).

[...] toda a atividade discursiva pode ser interpretada como um índice de prazer ou desprazer, de concórdia ou discórdia, de gosto ou desgosto, e assim por diante, e.g: expressões faciais de aprovação vs desaprovação, tonalidade de voz amigável vs hostil, escolha de termos de emoção, vocativos avaliativos, diminutivos. [...] (1994b, p.356)

Fernandes (2010) observa a relação do pathos no trabalho jornalístico, atribuindo assim a ele um valor maior que o logos, a razão. Pois, a emoção é um meio de captar, de ganhar o leitor, o ouvinte da matéria para o que se propõe a apresentar. Mas conforme afirma o discurso da emoção, no geral, segue regras racionais de acionamento, pois estas estarão envolvidas em marcas linguísticas e culturais próprias para estabelecer lugares comuns ao interlocutor.

Ethos: além da retórica

Influenciar, aderir, convencer, persuadir, direcionar são algumas atitudes que o locutor/enunciador recorre em seu discurso no processo de enunciação. Por meio disso, ele promove a construção de uma imagem que faça seu interlocutor, enunciatário, compartilhar das mesmas ideias ou recusá-las. A preocupação recorrente à noção do estudo da boa aparência ao enunciar o discurso levou Aristóteles a questionar o que é persuasivo para o indivíduo. Maingueneau (2008), ao observar o *ethos* proposto por Aristóteles, destaca que sua concepção está focada em um fazer persuadir:

Ao escrever sua Retórica, Aristóteles pretende apresentar uma *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para se ou aquele indivíduo, mas para esse ou aquele tipo de indivíduos (1356 b32-33). A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, assim, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. (MAINGUENEUAU, 2008, p. 56)

Para Aristóteles, o *ethos* está imbricado ao caráter persuasivo da linguagem ao trazer à tona o que torna persuasivo para tal grupo de indivíduos. De forma pragmática, o *ethos* aristotélico encobre-se na boa impressão ao auditório e possui características decisivas ao orador, tais como os gestos, as roupas, os adornos, o tom da voz que o orador produz o discurso, as palavras que compõem seu repertório na instância enunciativa. Pode-se perceber que o *ethos* retórico envolve um movimento dinâmico que inclui a ação de seus interlocutores, de seu auditório para construir a própria representação imaginária de seu orador.

A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão. A persuasão se estabelece quando o caráter do orador é transparecido em seu discurso, tornando-o digno de fé. Para construir essa imagem positiva do orador, Aristóteles expõe três qualidades fundamentais para sua produção: a *phronesis*, ou prudência, *Arete*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência Maingueneau (2015, p.57).

Ainda, retomando o *ethos* retórico, podemos viabilizá-lo em um processo de movimento. O orador produz seu discurso levando sua imagem ao auditório, aos interlocutores, e será a partir deles que o locutor/orador terá sua imagem, sendo ela positiva ou não. Há características bastante estáveis

no *ethos* retórico, características que envolvem a constituição política do orador, que coadunam questões de idade realçando aspectos particulares a juventude, maturidade e velhice.

Ainda retomando o *ethos* trabalhado na *Retórica, de Aristóteles*, Maingueneau (2008) esclarece:

O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador mesmo antes que ele fale. Parece necessário estabelecer uma distinção entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. Só o primeiro, como vimos, corresponde à definição de Aristóteles. (MAINGUENEAU, 2008, p. 60)

Em contraponto ao modelo aristotélico de se conceber o *ethos*, Maingueneau (2008, p. 13 *apud* R. Barthes) precisa que são os traços de caráter que o orador deve revelar em seu discurso para produzir boa imagem, sendo pouco pertinente sua sinceridade.

Por sua vez, Ducrot (1984) reformulou a proposta trabalhada pelos retóricos em atribuir o *ethos*, a imagem que o orador produz ao enunciar, dando ao conceito uma fonte localizada. O autor propõe por meio de seus trabalhos voltado para a pragmática e para a semântica uma abordagem do *ethos* que esteja ligada às instâncias da enunciação. O autor estabelece o lugar do “Locutor-L”, que é apreendido como o enunciador, e o “locutor-lambda”, apreendido como ser do mundo. Diante de seu modelo, o autor realiza a distinção entre o mostrar e o dizer. De acordo com Maingueneau (2010 *apud* Ducrot 1984, p. 268):

Não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso – afirmações que, ao contrário, correm risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha de palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o *ethos* está associado a L, o locutor como tal. É na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável.

Portanto, voltando-se para o locutor-L, ficção discursiva, a imagem de L se revela como a imagem da instância discursiva que se vê revestida de determinados caracteres que tornará a enunciação aceitável ou recusável.

Para Maingueneau (2008), o *ethos* ganha um rompimento com os postulados retóricos. O modelo trabalhado pelo autor ultrapassa o caráter transmitido pelo orador durante sua pronúncia. Ducrot (1984) estabelece uma relação entre a reflexividade enunciativa e sua relação com o corpo e

discurso recorrentes ao *ethos*. O autor contraria a noção dada ao termo *ethos*, sendo ele traduzido como caráter. Para ele, a noção de *ethos* está ligada ao processo enunciativo, afastando qualquer posição psicologizante que o interlocutor traz consigo sobre o enunciador.

O termo “tom” é atribuído pelo autor por se relacionar tanto para o escrito quanto para o oral. Maingueneau vale-se do termo para dar corpo a um *fiador*, a uma instância subjetiva que faz surgir uma origem enunciativa. O fiador torna-se, dessa forma, a construção do leitor sobre os indícios textuais que são apresentados no discurso. Maingueneau (2008, p.72) confere ao fiador um par que envolve o caráter e uma corporalidade. Dessa forma, o caráter está centrado naquilo em que se estabelecem os traços psicológicos da origem enunciativa. Sendo a corporalidade voltada para o conjunto de representações sociais que passam a ser valorizadas e desvalorizadas, carregadas por marcas estereotípicas pelas quais se apoia a enunciação, que faz o enunciatário incorporar ao discurso e atribuir uma imagem ao fiador pelas pistas textuais.

Maingueneau (1997) em seu livro, *Novas Tendências em Análise do Discurso*, ressalta que o discurso não pode ser dissociado daquilo que chamamos “voz”. O enunciador traz para o seu destinatário efeitos impostos de sua imagem, mas adverte que tal imagem não pode ser representada por uma ação psicologizante (ação cognitiva) do destinatário, pois tal efeito é imposto por meio das formações discursivas que se apresentam ao interlocutor. Através disso, o leitor deve dissociar qualquer ação psicologizante, pois o *ethos* está na prova de um efeito de sentido, algo que se prescreve na situação comunicacional, na situação de enunciação, é através da enunciação que sua imagem é construída:

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança de autor, desempenha o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. De outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. (MAINGUENEAU, 1997, p. 45-46)

Maingueneau (2011) elabora o termo incorporação para dissertar sobre a forma que os leitores, coenunciadores, se relacionam com o *ethos* de um discurso. Ainda sobre incorporação, o autor elabora três meios de fazer a termo surgir. A primeira, a própria enunciação atribui uma corporalidade ao fiador, a instância subjetiva, origem enunciativa. A segunda, os leitores, coenunciadores, incorporam os esquemas textuais que correspondem à forma de se relacionar com o

mundo atribuindo um corpo ao discurso. A terceira e última, funda-se na relação entre a primeira e a segunda, que permite a constituição de um corpo para a comunidade imaginária que fazem parte do discurso.

Ao atribuir o termo um sentido muito além da persuasão, como era concebido pela retórica tradicional, Maingueneau (2008) institui o *ethos* como parte constitutiva da cena de enunciação. Dessa forma, o autor esclarece que qualquer ato de tomar a palavra está relacionado a uma configuração cultural da enunciação, aos papéis impostos às origens discursivas, ao lugar e o momento. Ainda, o autor faz surgir conceitos como *cena englobante* sendo ela o tipo de discurso; *cena genérica* volta-se para o gênero; e *cenografia* a própria fala que legitima o dizer. Nas palavras do autor:

A cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo de: publicitário, administrativo, filosófico... *A cena genérica* é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à *cenografia*, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc. A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. (MAINGUENEAU, 2008, p. 70)

Portanto, dessa forma o autor propõe um modelo que ligue a noção de *ethos* ao de cena da enunciação, sendo o primeiro termo parte indissociável do segundo.

O *ethos* na linha da análise do discurso, proposto pelo modelo de Maingueneau, envolve uma interação de diversos fatores que resulta na construção do termo. A noção de *ethos pré-discursivo* envolve os saberes que o interlocutor/enunciário (coenunciador, auditório, enunciário, destinatário, leitor) traz do enunciador antes de sua pronuncia. A distinção entre o mostrar e o dizer inscreve-se entre polos extremos. O *ethos dito* torna-se o sugerido, enquanto o *mostrado* revela-se na instancia enunciativa. A interação entre o *ethos pré-discursivo*, *ethos dito*, *ethos mostrado* resulta na construção do *ethos efetivo*, que é o resultado da construção do enunciário.

Charaudeau (2006), em seu trabalho intitulado *Discurso Político*, disserta uma série de imagens que o político propõe projetar para ganhar a credibilidade do seu público. Por meio desse projeto, o autor reporta a *credibilidade* que envolve o *ethos* de sério, de virtude e de competência; e

a *identificação* revelando o *ethos* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de chefe este reportando o de guia-pastor, guia-soberano, guia-profeta, *ethos* de solidariedade. Todas essas manifestações, para o autor, são meios de projeções que o sujeito realiza para alcançar seus objetivos.

Para Mota (2014), o *ethos* está incorporado à noção de sujeito. As palavras ganham força, constroem o sujeito por meio de quem as produz. Em seu trabalho, *Entre o artístico e o político*, a autora volta-se para o enunciador do rap brasileiro. Para tanto, a autora aborda letras de músicas de MC's do grupo de rap, Racionais, para descrever a manifestação da imagem dos enunciadores personagens na música *Da ponte pra cá*. Na letra, a desconfiança entre os sujeitos se faz no uso prático da linguagem e na legitimidade do dizer. O enunciador ratifica que não basta possuir gíria, é necessário ser periferia, estar periferia, estar ligado a ela, ao seu mundo. Desta forma, Mota (2014) relaciona a posição que o sujeito ocupa para legitimar sua fala, para dar credibilidade a sua imagem, não basta ter o dom, o uso da linguagem, reproduzir gírias, mas deve estar legitimado para produzir tal discurso. Em sua análise, a autora expõe traços do *ethos pré-discursivo*, pois revela que na letra o personagem assevera que é preciso ser periferia possuir traços que são pertinentes à região ligados a geografia do local, a condição econômica e social.

Para Dascal (2010), o *ethos* ganha destaque e força no papel argumentativo. Para o referido autor, o *ethos* está propriamente ligado ao que chama de credibilidade, a imagem persuasiva do enunciatário, ligado a fatores inferenciais – cognitivos que levam ao público atribuir valor ao que seu Locutor (enunciador) produz. Dessa forma, o enunciador busca oferecer em seu discurso elementos mais convincentes para aqueles que o ouvem, construindo uma imagem ideal, uma imagem que capture a confiança de seu enunciatário.

Imagem e emoção: uma questão de argumentação

A análise terá como partida a constituição dos sujeitos presentes no ato de linguagem. Serão observados os atores presentes na construção do contrato comunicacional proposto pela semiolinguística de Charaudeau (2008). Do que pressupõe a semiolinguística, os sujeitos do discurso partirão da concepção de linguagem como um ato inter-enunciativo, isto é, um ato de produção e interpretação. Por esse ato inter-enunciativo, compreende-se que é um ato além da concretude de signos linguísticos, uma ação que envolve a competência dos falantes. Isso nos leva a

descrever a *finalidade das situações de comunicação e a identidade dos enunciadores*, estabelecendo o *contrato comunicacional*⁵.

Portanto, diante do que expõe Charaudeau (2001), o contrato comunicacional envolverá parceiros e protagonistas da linguagem. Por parceiros, têm-se sujeitos *comunicante e interpretante*; esses carregam consigo saberes comuns, partilhados em certo grau de consideração, de parceria e são *EUC* e *TU_i*. Quantos aos protagonistas, estes serão sujeitos enunciador e enunciatário, no circuito interno da produção da linguagem, são o *EUE* e o *TU_d*⁶. Para identificar os traços da argumentação, recorre-se ao processo de *tópicas da emoção* de Charaudeau (2010).

Observa-se na primeira estrofe um *EUE-Enunciador* (narrador), um sujeito distante que se aproxima para um enunciador da primeira pessoa do plural (*Não conquistou a família da gente*). Observa-se que até certo momento o enunciador não se insere nos fatos detalhados, apenas os narra inserindo personagens, ações e espaços. Em segundo momento, o enunciador se insere tomando corpo no discurso. Esse *EUE* apresenta enunciatários (uma moça, um cara, uma família), ações (demonstrar, namorar, conquistar) e as incorpora ao discurso que faz atribuir margem a sua identidade, sendo alguém da família com a qual se fala, dessa forma, surge o *EUC*, ser social. Dessa forma, tem-se a tópica da *Antipatia*, alguém que possui suas ações reprovada, no *corpus* o namorado da moça.

Era uma moça
Uma moça muito especial
Que namorava um cara
Que também parecia ser especial
Ele demonstrava
Ser um homem diferente

5 De acordo com Charaudeau (2008), o contrato comunicacional ocorre quando ambos os interlocutores partilham das mesmas práticas sociais, fazendo dessa forma com que o sujeito comunicante suponha que o outro partilhe de suas mesmas ideais, que ele tenha uma competência linguageira semelhante à sua.

6 Outro fator importante, é que não será abordada no artigo uma apresentação da categoria de *sujeito*, uma abordagem teórica para sua constituição. Esse será apenas citado e, diante da temática do trabalho, busca-se que o leitor já tenha uma ideia clara acerca do que se apresenta na categoria de sujeito da linguagem, uma vez que o trabalho é realizado sobre a égide de trazer o *pathos e o ethos* para a base da argumentação no discurso.

Mesmo com sua gentileza

Não conquistou a família da gente

Há uma tentativa de esconder o *sujeito comunicante*, mas que o revela no decorrer do discurso. Em primeiro momento, há um distanciamento, percebe-se que o sujeito enunciador busca fazer um relato de apresentação. O *ethos* construído é de *desconfiança* associado à *tópica* da *emoção antipatia*. Apreende-se que há um problema na identidade a ser construída, existe um *ethos dito* “um cara que parece ser especial, que parecia ser diferente, gentil, mas não agradara a família do *sujeito* que se insere no sintagma nominal “*família da gente*””. O processo de argumentação pelo *ethos* ocorre no desenvolvimento do *ethos mostrado*, o sujeito parece fazer um relato, uma narração distante, para se inserir no *contrato comunicacional* “apresentação”. Conforme apresenta Dascal (2010), o *ethos* ganha adesão através da credibilidade e de valores cognitivos partilhados em comum. É natural atualmente a desconfiança de pais em torno das pessoas das quais os(as) filhos(as) se relacionam. Aspectos cognitivos são acionados acerca do discurso *do pai e da mãe*, como forma de proteção, retomando a memória discursiva que é a família quem protege em momentos difíceis.

E ele demonstrava amor

E jurava que nunca te enganou

Que seria sempre um anjo na vida dela

Que nunca maltrataria ela

E ela confiou

E entregou todo o seu amor

E esse cara com um tempo

A sua máscara quebrou

Nessa segunda estrofe, observa-se uma relação diferente e mais próxima do *enunciador* que faz surgir o *sujeito comunicante*. Pode-se compreender que o *sujeito comunicante* (*EUc*), parceiro social, externo ao sistema interno da língua, é um sujeito que já não se limita a observar os fatos e

narrá-los por meio do *EUE*, mas dialoga diretamente com seu interlocutor, enunciatário, outra mulher, possivelmente vítima da agressão de seus companheiros, pois fica demonstrado no enunciado presente em “*E jurava que nunca te enganou*”. Nessa passagem, tem-se a *tópica da angústia*, possuem nos versos efeitos de sentido que recorrer de desconfiança, medo, incertezas. Há um envolvimento do enunciador com seu enunciatário (destinatário), que acolhe a imagem de um ethos de *mulher enganada, iludida*. Esse ethos se confirma com a proposta dada por Maingueneau (2011) com a elaboração da categoria *incorporação*, sendo ela, a maneira que o sujeito, na condição de ouvinte-interpretante, o se apropria dessa imagem, desse ethos. O discurso constrói imagens que passam a ser incorporadas pelo sujeito, pelo leitor. Diante disso, a música busca aproximar o leitor, para uma realidade ainda presente. Busca evidenciar a imagem do agressor através de promessas, propostas, de metáforas “*Que seria sempre um anjo na vida dela*”. Constrói uma imagem em comum presente no núcleo cognitivo de seus enunciatários, sujeito interpretante (TUi). Ainda segundo Dascal (2010), o ethos recebe uma carga de caráter, sua prova está na aceitabilidade do auditório através da influência que sua imagem constrói. Percebemos que a imagem de companheiro fiel e protetor foi desconstruída pela tematização do ethos descrito, e a credibilidade já não está presente.

Muitas vezes, mulheres com experiências em relacionamentos conturbados alertam outras sobre o caráter que o sujeito possui. O *ethos de mulher enganada, iludida*, ganha forte peso argumentativo por trazer aspectos sócias já partilhados e vividos por outras mulheres, com o intuito de atribuir a imagem de seu destinatário com a imagem *do sujeito interpretante*, o TUi, ser do mundo, agente social. Este poderá aceitar ou não a ideia presente no discurso, no *corpus*. Nesse momento ganha destaque o *pathos* que lidera a emoção no discurso. Em uma sociedade na qual a violência contra a mulher é constante, a *visada acional* surge como forma de associar a imagem da enunciatadora, mulher agredida, com a do leitor, do sujeito interpretante, da sociedade que passa a se identificar com a semelhante. Destarte, o universo de saberes partilhados, proposto por Charaudeau (2010), se faz presente.

Para Plantin (2010), o *discurso patêmico* pode ser analisado através de efeitos lexicais e sintáticos, além de culturais. Observa-se nos que seguem uma relação sintagmática de ação desencadeando um estado de emoção e contradição. A conjunção “*e*” assume um valor semântico,

um efeito de sentido, aditivo da ideia inicial da música, logo mais em “*ele bate, bate nela, E ela chora*” destaca o modo sintagmático. No primeiro, o enunciatário se torna objeto indireto, recebe a ação; no segundo, o enunciatário (TUd) é agente da ação de chorar “*E ela chora*”. Completando essa forma de análise, Fernandes (2010), destaca os conectivos linguísticos como mecanismos argumentativos por desencadear uma sequência que viabiliza o efeito patêmico no discurso.

Pode-se perceber, como os recursos culturais propostos por Plantin (2010) estão presentes no discurso. Observa-se valores como os de proteção, medo, tragédias, um abalo emocional que a enunciador constrói. Novamente se observa um recurso gradativo que espelha uma proximidade maior com a violência cometida contra a mulher. De forma direta, o enunciador incorpora o papel de *enunciatário (TUd e TUi)* e passa a ser sujeito comunicante, EUc. Têm-se a narração de um fato do agente agressor, o enunciador se distancia utilizando pronomes em terceira pessoa “*ele, ela, sua*”. De maneira inesperada, o *enunciador (EUe)* torna-se EUc, sujeito de fala, exterior ao discurso, ser empírico. Conforme Charaudeau (2010), essa estratégia é feita como uma forma de envolver o leitor, o destinatário, o enunciatário para a experiência do fato, a *intenção do discurso*, o que denominou de visada acional. O autor destaca que, pela observação em terceira pessoa, o sujeito tende a eliminar o afeto, quanto que na primeira pessoa, o mantém, preserva o lado afetivo no o discurso.

Este recurso é bastante utilizado em meios jornalísticos que busca despertar a emoção no seu auditório, no seu público por meio de estereótipos, manipulação da informação, sedução do enunciatário.

E agora ele bate, bate nela
E ela chora
Querendo voltar pros braços de sua mãe
E agora
Eu tô sem saída
E se eu for embora
Ele vai acabar com a minha vida

Segundo Mota (2014), o sujeito reforça a ideia de que para fazer uso da linguagem deve também saber qual o lugar que está a ocupar. É muito importante que o discurso venha de alguém que seja mulher ou que lute pela pauta feminina de combate à violência, de quem já sofreu em um relacionamento. Dessa forma, gera o *ethos de vítima, tortura, lamento, de desamparo*, alguém que deseja voltar para os braços de sua mãe. Essa imagem de fragilidade gera uma questão de desamparo que traz para os discursos imagens fortes de cenas reais no cotidiano. O sujeito busca capturar a atenção do enunciatário, com a narração de momentos que rompem o contrato comunicacional estabelecido entre um casal. O contrato de juras de amor eterno, de união e proteção é rompido pelo da agressão, na impossibilidade de se defender fisicamente sendo mulher.

Nos versos a seguir, tem-se a *tópica da angústia* e a *tópica da dor*, há um sentimento de humilhação, um desejo não realizado, a alegria é destituída pela ausência da *tópica da alegria* e da *esperança*. Os versos parecem não haver esperança para o sujeito, o sentimento de desespero toma conta dos enunciadores e o lamento religioso faz dominar dar continuidade o desespero e a angústia do enunciador.

Aaaaai, aaaaai

Quanta dor eu sinto no meu peito

Devia ter feito as coisas direito

Aaaaai, aaaaai

Oh Deus me tire desse sofrimento

Porque viver assim eu não aguento

Só quero ser feliz.

Para Amossy (2011), a questão argumentativa do *ethos* se baseia em parte na estereotipagem. Para que isso ocorra, é necessário que o *enunciador* construa sua imagem em torno de uma *doxa*⁷. O *ethos* construído nesses últimos versos é de *sofrimento* “*Quanta dor eu sinto no meu peito*”, *culpa e arrependimento* “*devia ter feito as coisas direito*”, e de *esperança* “*Oh*

7 Saberes partilhados pelos parceiros da enunciação, modelos relacionais nas culturas a que pertencem.

Deus me tire desse sofrimento, Porque viver assim eu não aguento, só quero ser feliz”. De acordo com Citelli (2002, p. 13), “a persuasão e o convencimento se faz mediante um agir a levar o outro a aceitação de uma ideia”. Com isso, observa-se a continuidade das ações do enunciador, que já identificado com um *sujeito comunicante*, ser empírico, mulheres no combate a violência contra a mulher, aproxima suas ações em primeira pessoa, dessa forma aproximando-se da afetividade e dos sentimentos das mulheres que sofrem as agressões em relacionamentos.

Considerações Finais

O trabalho possibilitou uma observação sobre os efeitos *pathêmicos* e *ethóticos* no discurso. Por meio dessa análise, ficou claro que elementos como o *ethos* e o *pathos* são constantes nas construções discursivas. A pesquisa mostrou que lexemas e a sintaxe também podem ser observados como elementos possíveis para a análise das emoções e imagens construídas no discurso, muito presente em músicas, como o *corpus* em análise, jornais, marketing etc. Observou-se também que conectores linguísticos estabelecem uma relação argumentativa na construção da argumentação, por meio das conjunções.

O que se propôs por meio desse trabalho foi objetivar e dar continuidade aos estudos voltados para o *ethos* e o *pathos* nos trabalhos discursivos viabilizando sua extensão para os livros didáticos no ensino básico, voltados para áreas afins da linguagem.

Contudo, notou-se um ponto negativo presente no *corpus* que atribui à violência doméstica uma relação de poder desigual e isola a mulher a um determinismo, conforme as últimas imagens construídas no discurso, *culpa*, *arrependimento*, e *esperança*, este último no sentido negativo do termo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth (organizadora). **Imagens de si no discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAMONE, Sônia Cristina Tavares Vilela. **O ethos e o pathos na construção argumentativa do discurso religioso. e-hum**, Belo Horizonte, Vol.5, N.1, pp.24-44 (2012). Editora uniBH Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. Editora: Ática. 15ª Ed. 4. reimpressão. São Paulo – SP, 2002, p. 78.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Uma teoria dos sujeitos da linguagem**. MARI, Hugo. et all. **Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso. FALE/UFMG. 2001, p. 23 – 37.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A patemização na televisão como estratégia de autenticidade**. MENDES, Emília, MACHADO, Ilda Lucia. **As emoções no discurso**. 1ª Ed. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2010, cap. 1, p. 23 – 56.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: 2008.
- DASCAL, Marcelo. **O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica**. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). **Imagens de si no discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 57 -69.
- FERNANDES, Adélia Barroso. **A emoção no Discurso Jornalístico: contar histórias e comover leitores**. MENDES, Emília, MACHADO, Ilda Lucia. **As emoções no discurso**. 1ª Ed. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2010, cap. 1, p. 141 – 152.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas de Enunciação**. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza -e- Silva. (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). **Ethos Discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- PLANTIN, Christian. **As razões da Emoção**. MENDES, Emília, MACHADO, Ilda Lucia. **As emoções no discurso**. 1ª Ed. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2010, cap. 2, p. 57 – 80.
- Piauí é o sétimo estado do Brasil em número de feminicídios. **G1PI**, Piauí, 07/03/2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/piaui-e-o-setimo-estado-do-brasil-em-numero-de-femicidios.ghtml>. > Acesso em: 23 de dez. de 2018.
- MARREIRO, Lucas. Família diz que cabeleireira esfaqueada e atropelada em Teresina recebia ameaças. **G1PI**, Piauí, 16/05/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/familia-diz-que-cabeleireira-esfaqueada-e-atropelada-em-teresina-recebia-ameacas.ghtml>>. Acessado em: 11, de dezembro de 2018.

PORTELA, Cícero, PIMENTEL, Izabella. Mulher que foi cortada ao meio é estudante e tem 26 anos. **Portal O Dia**, Teresina, 16/04/2014. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/noticias/policia/policia-identifica-mulher-que-foi-esquartejada-e-teve-vagina-colocada-na-boca-201150.html>>. Acessado em: 11, de dezembro de 2018.

FRETIAS, Lyza. [Dia de Combate ao Femicídio reforça luta contra mortes cruéis de mulheres](https://cidadeverde.com/noticias/273006/dia-de-combate-ao-feminicidio-reforca-luta-contras-mortes-cruéis-de-mulheres). **CidadeVerde.com**, Teresina, 27/05/18. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/273006/dia-de-combate-ao-feminicidio-reforca-luta-contras-mortes-cruéis-de-mulheres>>. Acessado em: 11, de dezembro de 2018.

Legislação Informatizada - LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015 - Publicação Original. **Câmara dos Deputados/Diário Oficial da União** - Seção 1 - 10/3/2015, Página 1. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13104-9-marco-2015-780225-publicacaooriginal-146279-pl.html>>. Acessado em: 11, de dezembro de 2018.

Ele bate nela. Sua Música. 25 de maio de 2104. Disponível em: <<https://www.suamusica.com.br/KoalaCds/ele-bate-nela-simone-e-simaria-vol-04-nova-musica>> Acessado em: 15, de novembro de 2018.